

## Biblio3W

REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA  
Y CIENCIAS SOCIALES

Universidad de Barcelona.

ISSN: 1138-9796.

Depósito Legal: B. 21.742-98

Vol. XXI, núm. 1.165

15 de julio de 2016



## Sobre a Utopia: uma resenha

CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Edições Sesc, 2013. 224 p. [ISBN – 978-8-579-95042-1]

Angela Maria Endlich  
Universidade de Maringá-Paraná  
amendlich@hotmail.com

**Palavras-chave:** utopia, distopia, futuro.

**Key words:** utopia, dystopia, future.

O livro que trata desse significativo tema de modo abrangente é de autoria de Gregory Claeys. Ele é professor de pensamento político na *Royal Holloway*, Universidade de Londres. Escreveu outros livros sobre o tema e, de modo mais geral, acerca da Ciência Política. O título original do livro que resenhamos é *Searching for Utopia: the History of an Idea*, já publicado em espanhol, alemão, português e japonês, além do inglês.

No Brasil, o livro objeto dessa resenha parece ser a primeira obra traduzida desse autor, já que não se encontram registros das demais. Ele apresenta diversas contribuições publicadas, principalmente em inglês, acerca do tema, como o livro que organizou com o seguinte título: *The Cambridge Companion to Utopian Literature*, no qual ele apresenta o capítulo de sua autoria: *The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell*, de 2010<sup>1</sup>.

O tema da utopia parece que vem retornando às pautas acadêmicas na última década, quem sabe porque em momentos de crise generalizada é vital vislumbrar saídas e sinalizar superações. O tema foi amplamente debatido no XIV Colóquio Geocrítica, em Barcelona, com o título *Las utopias y la construcción de la sociedad del futuro*.

Consideramos a manutenção da perspectiva utópica parte do trabalho acadêmico, na medida em que não podemos realizar apenas trabalhos de constatação da realidade social, mantendo os seus resultados no âmbito do *assim é*, pois é preciso vislumbrar saídas. Se trabalhamos com as contradições sociais, elas indicam pontos de fissuras sociais sobre as quais podemos conceber superações. Essa é uma das possibilidades para entrever utopias e é a que adotamos em nossos trabalhos, razão pela qual em nossos levantamentos encontramos a obra de Claeys.

---

<sup>1</sup> Claeys, 2010, p. 107-134.

Trata-se de uma obra de leitura fácil e agradável, com textos complementares organizados em quadros, detalhando algumas ilustrações, propostas ou experiências utópicas, bem como quadros biográficos de seus propositores. A presença farta de ilustrações deixa o livro atrativo, como já expressa a sua capa com a ilustração denominada *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. A contracapa do livro o anuncia como a história ilustrada de uma ideia poderosa – a busca pela sociedade ideal na América, na Ásia, na África e no mundo árabe, assim como na Antiguidade e no mundo ocidental.

**Figura 1.**  
**Capa do livro *Utopia: a história de uma ideia***

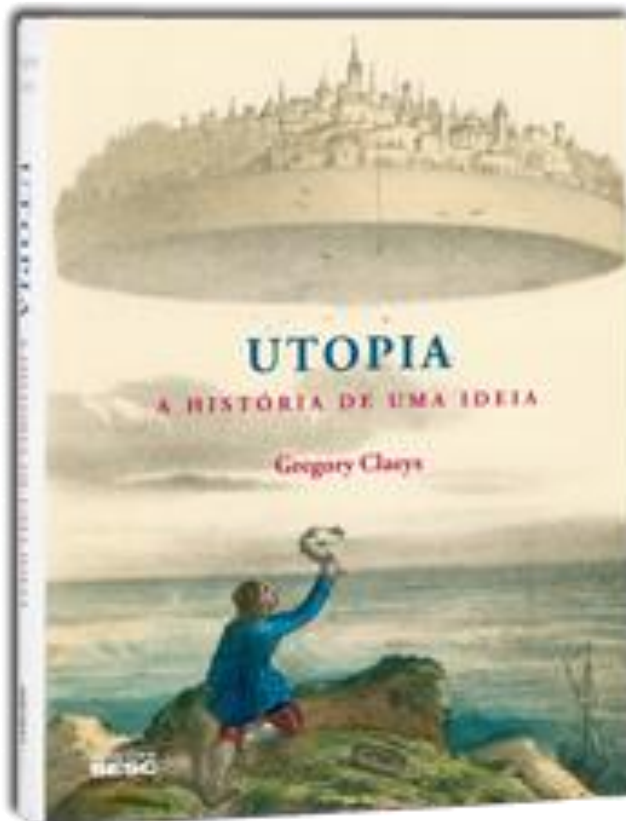


Foto de Mary Evans Picture Library/Alamy.  
Fonte: Edições Sesc/ São Paulo

O autor apresenta no decorrer do texto, como resultado de sua decidida busca pela utopia, uma ampla compilação acerca do tema. A sua igualmente vasta bibliografia pode ser considerada como expressivo referencial a ser consultado sobre o que existe produzido acerca de utopias e distopias, ainda que obviamente longe de ser completo. Em diversos momentos, ele expõe também a produção cinematográfica com conteúdos utópicos e distópicos produzidos ao longo da história. Essas referências permitem ao leitor novas buscas e aprendizados.

Este livro rompe logo na sua introdução com a ideia de que a utopia diz respeito apenas ao futuro. Ele demonstra que ela pode estar no passado, presente ou futuro. Trata-se da visão positiva do mundo e da vida, que para alguns está no passado (muitas vezes retomando a concepção de paraíso), para outros em alguma situação presente e para um terceiro grupo, no futuro.

O autor tenta compilar diversas obras, mas adverte que a amplitude do que se reconhece como utopia é desconcertantemente grande, englobando: ideais positivos de sociedades melhoradas; seus opostos satíricos negativos, às vezes chamados de antiutopias ou distopias; vários mitos de paraíso, eras de ouro e ‘ilhas dos abençoados’; relatos de pessoas primitivas vivendo em um estado natural; robinsonadas (termo que ele utiliza para referir-se a ficções de sobrevivência), viagens imaginárias para a lua e outros pontos do espaço; cidades-modelo entre outras. Ele ressalva que a mencionada lista está bem longe de ser exaustiva, mas nos força a estreitar a extensão do uso do termo utopia, para evitar perder qualquer aplicação significativa dele.

Com a preocupação de definir a utopia, ele menciona três domínios de estudo: o pensamento utópico, a literatura utópica e tentativas práticas. O autor complementa: “Não importa sobre qual desses domínios pensemos, é impressionante a gama, explorada neste livro, de expressões de aspirações por um ideal ou por um estado de existência melhorado (...)”<sup>2</sup>. Fixando-se na ideia de que a utopia deve vincular-se menos à ideia de perfeição e mais à de sociedade melhorada, ele pondera que nem todas as aspirações nesse sentido devem ser consideradas como utopia, como coisas mais restritas: emissões de esgoto e ampliação do transporte público.

O autor trata do percurso da utopia em diferentes perspectivas, como revela a estrutura do livro com seus 14 capítulos. a obra contempla o pensamento utópico na era clássica e cristã, seguida de visões não ocidentais: utopias científicas e as utopias vislumbradas com as viagens aos espaços desconhecidos, as revoluções e as utopias, as cidades ideais, as tentativas de experiências concretas, a relação da utopia com o socialismo e anarquismo, a tecnologia e a modernidade como inspiradoras de expectativas positivas e ao mesmo tempo de distopias, a ficção científica, o totalitarismo e o cinema em relação à utopia. Enfim, ele traça um panorama bastante amplo do pensamento utópico, das tentativas de implantação de comunidades, além da expressão cultural e política permeada por referenciais utópicos.

Como é possível apreender dessas diversas partes, o autor contempla de modo geral o que pode ser reconhecido como utopia no tempo e no espaço. Nos dois primeiros capítulos ele busca referências ocidentais clássicas. Ele inicia com os gregos e romanos, mencionando diversos mitos como *Campos Elísios* ou *A ilha dos abençoados*, *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, obra que enfatiza a ideia de trabalho e de justiça, incluindo mitos conhecidos como de Pandora e Prometeu, na qual encontra-se que: “[...]visionamos uma terra bem aventurada de beleza e abundância, povoada por figuras heroicas”<sup>3</sup>. Estão nesse período ideias que são constantemente retomadas. Atlântida que consiste em um arquétipo de sociedade idealizada, teria sido descrita inicialmente por Sólon e Dionísio de Mileto, mas o autor cita que o relato mais conhecido é o de Platão, mas são pensamentos que seguem reaparecendo, portanto trata-se de um relato duradouro.

Nas palavras do autor “Os povos da Antiguidade também criaram vários outros temas que, com o tempo, acabariam sendo ligados ao utopismo”, como o que ele cita acerca da Arcádia, inicialmente literatura pastoril, mas que continuou com romanos, incluindo Ovídio e Virgílio, reinventada na forma de idílio rural em textos posteriores<sup>4</sup> e que prossegue como referência de renúncia à sociedade urbana e proposta de retorno à vida rural. Já os relatos sobre Esparta tornaram-se referência de coragem, mas também de utopia militarizada. Assim seguem outros relatos e contribuições ao tema da utopia extraídos dessa era clássica.

---

<sup>2</sup> Claeys, 2010, p.11.

<sup>3</sup> Claeys, 2010, p. 18.

<sup>4</sup> Idem, p.22 e 23.

Com os *Arquétipos cristãos*, sistematizados no segundo capítulo, aparecem as representações do Éden e outros locais idealizados como Jerusalém, Babilônia e obras que mostram a contraposição do bem e do mal, como *Cidade de Deus* e *Cidade dos Homens*, de Santo Agostinho. Contudo, “O Éden continua sendo o maior dos mitos cristãos, fonte de boa parte da tradição utópica ocidental”<sup>5</sup>. Claeys afirma que tanto o paraíso como o inferno foram concebidos como organizados e estruturados de acordo com um modelo, predominando em ambos uma visão hierárquica e, portanto, de ordem social nela baseada.

Pode-se dizer que outras referências clássicas, mas não ocidentais são expostas em *Visões não europeias da sociedade ideal*, no capítulo 3. Assim, o objetivo é sistematizar acerca da existência de contribuições sobre a utopia fora da Europa, por mais que tenha sido ali o acúmulo material textual suficiente para formar um gênero intelectual. Ele argumenta que este tipo de reflexão não se encontra entre povos primitivos porque eles não têm essa necessidade, pois já vivem, de algum modo, em estilo utópico com vida comunal, festas, danças, rituais etc. Várias obras que retratam a vida em diversas áreas do mundo são mencionadas para reiterar essa ideia. Ainda que faça referências mais específicas ao islamismo e budismo, Claeys pondera que “[...]quase toda grande linha de pensamento político não europeu possui algum elemento utópico, ou um relato de sociedade ideal, o que frequentemente tem fundamentos seculares, não religiosos, e inclui conceitos de justiça e virtude”<sup>6</sup>. Ele ressalta, neste sentido, *Os analetos de Confúcio*, que propõem uma sociedade harmoniosa em que governantes reforçam a justiça, súditos pagam impostos, autoridade e idade são reverenciadas e a observância ritual dos princípios de ordem e o desejo pelo paraíso unem a sociedade. Portanto, são ideais compostos a partir da preocupação com a vida após a morte, como também pela ordem nesta vida. Da tradição islâmica, o autor lembra que a coletânea de contos *As mil e uma noites* igualmente tem elementos utópicos e compõe parte de uma visão com enorme influência e poder emotivo. Por isso, eles têm servido como fontes de inspirações para fundamentalismos, contendo formas de controle social equiparáveis ao utopismo europeu cristão. Desta tradição, o autor salienta *A cidade virtuosa* de Abu Nasr al- Farabi, considerado o teórico mais expressivo da sociedade islâmica idealizada. Nela defende-se a cooperação, justiça e igualdade<sup>7</sup>.

Outros relatos são mencionados mostrando que não são poucas as contribuições não europeias e com isso ele relativiza tudo que foi apresentado no livro até o momento, indicando que é preciso, por exemplo, diferenciar a religião, concebida como a busca pela salvação no além e perfeição nesta vida, da busca pela utopia. Entretanto, ele argumenta que há em comum, nas sociedades pré-modernas, elementos utópicos, que mostram que o construto utópico é inegavelmente global.

O quarto capítulo é dedicado ao livro *Utopia* de Thomas More, com o título *Um gênero definido: utopia*. Ainda que o termo utopia remeta a esse livro de Morus o conjunto de ideias que pode assim ser denominada é bastante anterior. A obra de More, conforme Claeys, oferece uma crítica social vinculada ao contexto em que o texto foi escrito, ainda que não seja diretamente citado, quando milhares de camponeses foram expulsos de fazendas para liberar espaço para a ovinocultura em larga escala. Ele descreve parte do livro quanto à forma das cidades, incluindo recomendações quanto ao trabalho, cotidiano e seus valores, enfim, o comportamento social, dentre outros detalhes. Ele reitera o conteúdo de crítica social quando

---

<sup>5</sup> Idem, p.33.

<sup>6</sup> Claeys, 2010, p.50.

<sup>7</sup> Idem, p. 53.

afirma que a obra foi claramente criada para ser contrastada com a Inglaterra, cujo contexto já foi mencionado: o cercamento das terras causava desemprego e levante social. Ainda que ressalte esse aspecto da obra, questiona acerca do texto: “[...]é uma crítica? Uma receita? Um lamento? Uma sátira?”<sup>8</sup>. Um pouco adiante, ele assinala que a questão central desta obra é a pobreza e como resolvê-la, ideia que ele reforça nos parágrafos subsequentes, ainda que finalize apontando ambiguidades tanto na obra que analisou neste capítulo como em seu autor, ao mesmo tempo em que considera incontroversa a sua influência.

A utopia renova-se com o conhecimento de novos espaços ou com a imaginação acerca deles. É assim que segue a obra nos dois próximos capítulos, contemplando viagens concretas e imaginárias. É interessante observar como espaços desconhecidos geraram tanto medo, como expectativas positivas. Por isso, a literatura que relata viagens oscila entre utopias e distopias: locais de monstros sem cabeças; pessoas com olhos nos ombros ou com um só pé; ilhas ou países em que animais e humanos se misturam em aparência; seres sobrenaturais. Relatos contemplaram também terras existentes ou especulativas, como os que focavam em continentes afundados, como a Zelândia<sup>9</sup>. O autor menciona relatos de Colombo e outros acerca das viagens consideradas como de *descobrimto*. Apesar da violência utilizada, a América “[...] continuaria a representar [...]um lugar de pureza moral primitiva, de proximidade ao estado natural original, povoado por bons selvagens vivendo em maior harmonia com o meio ambiente do que seus descendentes ‘civilizados’”<sup>10</sup>. Portanto, os impérios do novo mundo eram, assim, entrelaçados com ideais utópicos e distópicos, em vários sentidos.

Deste modo, no sexto capítulo, o autor dedica-se mais especificamente ao que seriam as viagens imaginárias, igualmente associadas com o primitivismo virtuoso e o bom selvagem. Ele destaca dois livros publicados na Grã-Bretanha no início do século XVIII – *Robinson Crusoe*, o famoso romance de naufrágio de Daniel Defoe (1719) e *Viagens de Gulliver* (1726) que seria a mais conhecida das sátiras utópicas ou da aspiração humana de levar uma vida de acordo com os princípios da razão. Ele pondera que quanto à primeira não seria uma utopia estritamente falando, já que a reconstituição da sociedade não está presente, pois se trata de um indivíduo solitário. Porém, por pertencer ao gênero das viagens imaginárias vinculada aos valores já mencionados, é preciso considerá-la entre as obras sobre utopia. O texto de Swift relata quatro viagens de Gulliver, todas com objetivo de satirizar a sociedade britânica. Os valores relativos à simplicidade nas obras contrapunham-se à complexidade que avançava na sociedade europeia no período. Claeys finaliza o capítulo mencionando outras obras, cujo conteúdo pretende mostrar locais onde alguns problemas que incomodavam a sociedade europeia estavam resolvidos ou nunca existiram, como é o caso da questão da desigualdade vivenciada pelas mulheres, não existentes em *A Ilha da Alegria*.

O sétimo capítulo é dedicado a *Revolução e Iluminismo*. O autor inicia esse capítulo afirmando que a “[...] utopia torna-se prática quando deixa de sonhar, esperar e especular e exige que o mundo seja refeito à sua própria imagem<sup>11</sup>”. A revolução inglesa, norte-americana e francesa foram momentos em que predominaram o intento de promover uma vida melhor no aqui e agora. Neste período, teriam surgido obras mais políticas e que conviviam com as mencionadas no capítulo anterior, como a *Ideia de uma comunidade perfeita*, de David Hume, publicada em 1752. Muitas outras são citadas neste período de limiar para novas organizações

---

<sup>8</sup> Idem, p.66.

<sup>9</sup> Claeys, 2010, p.75.

<sup>10</sup> Idem, p.81.

<sup>11</sup> Idem, p.99.

sociais, ainda que com resquícios do passado, como na obra *Nova Grã-Bretanha* (1820) de G.A. Ellis, na qual uma comunidade assentada nos Estados Unidos teve mudanças como a abolição do dinheiro, o trabalho e o comércio eram regulados e a propriedade limitada. Diversas obras são citadas e analisadas como parte desta tendência.

Na sequência, está o capítulo oitavo voltado a *Cidades ideais: das medievais às modernas*. Começa assinalando que a busca da utopia pode ser vista dentro de duas tradições – a rural e a urbana. Segundo o autor, pastores pouco precisam de cidades. A utopia tem uma relação ambígua com a cidade, pois ao mesmo tempo existem muitas propostas utópicas baseadas em cidades, mas com a urbanização extrema a imagem da cidade tende para a distopia. De qualquer modo, o livro registra propostas de cidades utópicas nos mais diversos períodos, citando Bensalem em *Nova Atlântida*, de Francis Bacon (1624), lembrando também dos períodos anteriores já contemplados, como *Cidade de Deus* e *Nova Jerusalém*, alegando que as ideias de paraíso estiveram entrelaçadas com conceitos de cidade ideal. Adiante, ele analisa a *Cidade do Sol* de Tommaso Campanella: “Formada simetricamente por sete anéis, a cidade resume a relação entre engenharia social utópica e planejamento especial urbano”<sup>12</sup>. O autor traz brevemente detalhes do que seria a engenharia social e também o planejamento urbano concebido nesta obra.

Ele segue citando outras propostas de cidades, bem como formas de repensar “[...]uma versão mais rural da vida urbana”<sup>13</sup>, como em *Notícias de lugar nenhum* de William Morris e *Cidades-jardins de amanhã*, de Ebenezer Howard. O livro segue mencionando diversas contribuições. Novas propostas vão surgindo em decorrência das tendências concretas das cidades e suas mazelas. Neste sentido, destaca-se o urbanismo modernista, que procura racionalizar as grandes cidades, com propostas de verticalização como moradias associadas a inovações na mobilidade.

O nono capítulo contempla a *Utopia como comunidade*, trazendo diversas experiências concretas alicerçadas na tentativa de recuperar laços coletivos fundamentados em ideais diversos que podem estar relacionados à religião ou a ideias como o socialismo ou anarquismo. Claeys destaca estas experiências nos Estados Unidos, relacionados às intenções religiosas que permearam sua ocupação, dos quais ele cita diversos exemplos. A obra menciona a vila industrial de New Lanark, que dentre outras coisas mostrava que os princípios capitalistas poderiam ser conciliados com o bem-estar dos trabalhadores, pois Owen aumentou salários, promoveu educação infantil e outras tantas iniciativas que fez com que a experiência fosse conhecida como *vale feliz*, muito visitada e atualmente considerada Patrimônio Mundial como exemplo de comunitarismo industrial do século XIX. Muitas outras experiências existiram e são contempladas no livro, como os Kibutz em Israel, que embora em parte descaracterizados persistem até hoje.

*A segunda era da revolução* é o título do décimo capítulo, no qual o autor busca o percurso das ideias utópicas no socialismo, comunismo e anarquismo. Ele não concorda com a diferenciação de socialismo utópico e científico, pois em todos existe uma dimensão utópica: “O utopismo é aqui definido como uma projeção imaginativa de uma sociedade mais ordenada [...] que oferece uma solução para graves problemas sociais e políticos. E, por essa definição, Marx pode ser visto como o maior de todos os escritores utópicos modernos [...]”<sup>14</sup>. Assim, ele prossegue o texto inserindo também grandes nomes do anarquismo e suas

---

<sup>12</sup> Claeys, 2010, p.118.

<sup>13</sup> Idem, p.122.

<sup>14</sup> Claeys, 2010, p. 144.

propostas de organização social alternativas. As diferenças notáveis entre uns e outros era que as propostas socialistas eram marcadas pelo centralismo enquanto as anarquistas eram descentralizadoras.

No décimo primeiro capítulo *Inventando o Progresso*, como indica seu subtítulo – racionalismo, tecnologia e modernidade como utopia – o autor busca o percurso das ideias utópicas em meio ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico. Obras diversas são citadas com base em expectativas positivas a partir desse desenvolvimento. Entretanto, ameaças de guerras cada vez mais destrutivas, a emergência da eugenia, além de críticas à urbanização e industrialização trouxeram ao debate inúmeras críticas a modernidade. Tal contexto parece ter patrocinado uma retomada de ideias utópicas originariamente longínquas no tempo e no espaço, como as baseadas no idílio primitivo e de uma tranquila vida rural.

O capítulo seguinte, décimo segundo, intitulado *O surgimento da ficção científica*, busca os vínculos entre a utopia e a ficção científica. De acordo com o autor, ela pode funcionar como uma crítica ou sátira social, contempladas, inclusive, pela televisão e cinema. O espaço astronômico entra de modo constante nos roteiros dessas produções. Muitos são os títulos, como os de Júlio Verne, considerado parte da ficção científica moderna, cuja primeira obra foi *Uma viagem em um balão* (1851). Mostrando as dimensões espaciais envolvidas, outras produções são citadas como o livro *Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells (1955); o álbum de figurinhas *O mundo do futuro* (1959); o filme *Quando mundos colidem* (1931); entre tantas outras. Páginas seguintes reiteram que junto com o encanto trazido pelo mundo técnico-científico encontram-se projeções bastante críticas dele apropriado pelo poder, gerando uma nova série de distopias, ao qual o autor dedica o capítulo seguinte.

*Variedades de Distopia*, décimo terceiro capítulo, enfatiza o totalitarismo das ditaduras fascistas e comunistas e como elas já estavam presentes implícita ou explicitamente em diversas obras já citadas ao longo do livro. Embora já existentes, as distopias apareceram como um subgênero a partir do final do século XIX. Nesta parte do livro são citados Aldous Huxley e seu *Admirável Mundo Novo*; George Orwell com *1984*, e obras diversas de relatos sombrios fictícios ou reais, como os revelados pelos campos de concentração nazistas.

Por fim, *Utopia, ficção científica e cinema*, décimo quarto e último capítulo dedica-se especialmente a expressão cinematográfica que contempla temas da utopia, em boa parte baseadas nas produções literárias. São muitos os filmes mencionados, contemplando as viagens aeroespaciais, as mutações genéticas e os monstros por ela gerados, mundos desaparecidos, robôs e extraterrestres. Alguns como *Star Wars*, que retornaram recentemente aos cinemas, tiveram origem na década de 1970. O temário de filmes é amplo e mais ainda a relação de títulos, alguns produzidos com muitos efeitos especiais. Este capítulo pode ser um guia de filmes, assim como os outros capítulos podem orientar leituras que permitam aprofundamento ao tema da utopia e suas diversas correlações.

Ao mostrar a utopia em tão diversos períodos, o autor mostra que ela é constantemente reinventada e renovada, ainda que, ao observar este percurso, seja inevitável perceber a retomada das contribuições clássicas. Ele assinala, por exemplo, como na modernidade a especulação teológica foi substituída pela da ciência e tecnologia, como pode ser conferido no capítulo denominado *Racionalismo, tecnologia e modernidade como utopia*. A técnica e a ciência com a descoberta do rádio e aplicação de raios X criou expectativas positivas. Contudo, o uso de gás venenoso na Primeira Guerra, os primeiros voos terrestres, mas especialmente as possibilidades de explorar o espaço por meio de foguetes, trouxe novos

medos trazidos do espaço astronômico. Deste modo, ocorreu uma intensa aproximação entre as possibilidades trazidas pelo técnico-científico e a ficção científica. Novas utopias foram esboçadas, bem como uma nova leva de distopias. Além das baseadas no medo de OVNIS e da energia nuclear, estavam a manipulação genética como degeneração da ciência, que o autor exemplifica com *Frankenstein* e *O médico e o monstro*, que conforme ele emerge um fascínio por mortos-vivos ou zumbis tornando populares obras, com boa dose de irracionalidade, sobre vampiros, múmias e “[...] outros temas aterrorizantes”<sup>15</sup>

Quando ele trata entre os últimos capítulos da utopia contida na ficção científica encontrada na literatura e no cinema, comprovamos a amplitude da abordagem adotada acerca do tema. O primeiro filme de ficção que ele menciona é *Daqui a cem anos*, de H.G. Wells, que prevê um século de guerra e peste entre 1936 e 2036, sendo que seus sobreviventes precisam viver a partir de então em cidades subterrâneas. Tanto esse como outros tantos que o autor menciona são mais distopias do que utopias, reiterando sua afirmação de que elas caminham de modo muito próximo e não poucas vezes foram confundidas. No enfoque da utopia baseada na ciência no século XVII, aparecem muitos títulos, sendo que alguns mostram como a utopia é marcada pela ideologia e pouco tolerante com a imperfeição, especialmente as marcadas pela eugenia. Talvez isso ocorra porque em um primeiro momento, tanto utopias como distopias, indicam insatisfação com a realidade e crítica a ela dirigida. A partir dessa crítica, alguns projetam possibilidades de desdobramentos positivos e outros revelam que eles podem ser sublinhados quanto à sua nocividade.

A amplitude da forma como o autor trata do tema dificulta um resumo detalhado, apenas indicamos nas páginas anteriores um pouco do conteúdo que o leitor poderá encontrar no livro resenhado. Finalizaremos com alguns parágrafos, nos quais destacamos três pontos cujo debate nos parece significativo e que esta obra e o tema despertam.

Enfatizamos, inicialmente, o vínculo da utopia com a reflexão espacial. O autor não cria um item de análise com esse título ou tema, ele faz parte da nossa leitura e das nossas preocupações e encontramos respaldo em alguns pontos da obra em questão. Assim, um olhar para o amplo conjunto de utopias, nos faz perceber como muitas são projetadas sinalizando um determinado espaço. Para citar alguns exemplos: Atlântida, Ilha dos Abençoados, Cidade de Deus, Nova Atlântida, além de diversas pequenas comunidades. Chama a atenção, também, como os espaços desconhecidos alimentam o pensamento utópico, tanto as áreas desconhecidas na superfície da terra, como o subsolo, mar e ar. Com o avanço tecnológico, o desconhecido ganha maior amplitude e considera o espaço astronômico. O autor, ao relacionar viagens e utopia, assinala que ela remete a algum lugar, antes de ser lugar nenhum<sup>16</sup>. Assim, parece ser pertinente indagarmos: onde imaginamos ser possível a utopia?

Como segundo ponto, destacamos que o autor traz constatações que convergem com nossa interpretação ao distinguirmos as utopias agrárias das urbanas. Ele compreende que existem duas tradições na utopia – uma rural e outra urbana. Afirma que parte das utopias valorizou a pureza primitiva, a vida rural do passado e problematiza a vida patrocinada pela *civilização*. Contudo, ao finalizar a obra ele lembra que por mais que os avanços tecnológicos e a vida urbana proporcionaram críticas e distopias, as utopias precisam considerar nossa condição atual. Portanto, na parte final do livro, ele volta a falar de duas variações, uma mais reacionária, que propõe retomar a reconstrução com base em valores tradicionais. A segunda, em nossa avaliação mais avançada, supõe o desenvolvimento científico para a resolução

---

<sup>15</sup> Claeys, 2010, p.169.

<sup>16</sup> Claeys, 2010, p. 80.



prática dos problemas. Não nega os problemas advindos da modernidade, mas deposita no planejamento e na organização coletiva as expectativas de avanço social.

Em terceiro lugar, observamos quais conteúdos permeiam as utopias. As formas como elas são propostas estão relacionadas ao que elas se contrapõem, ou o que é visto como problemático na sociedade por seus idealizadores. São várias motivações como o combate de comportamentos negativos como os vícios, a hostilidade, violência e ambição; as desigualdades sociais e a pobreza especialmente; preocupações com o planejamento urbano e espacial como um todo; cuidados ambientais frente aos desafios que se tem observado nesse sentido em diversos momentos da história. As utopias relacionadas às mulheres mostram a apreensão quanto à desigualdade de gênero que também já vem de passado longínquo e está longe de ser superada. Não contemplamos todas as motivações aqui, mas certamente sinalizamos parte das mais expressivas. Este pode ser um tema de análise para trabalhos posteriores, mas é relevante destacar que as diversas utopias são recorrentemente dedicadas a questões sociais bastante conhecidas, debatidas, mas não solucionadas. Por outro lado, o autor mostra que algumas motivações mais relacionadas às distopias elitistas e, portanto, polêmicas. Este é notadamente o caso das propostas de manipulações genéticas em busca de seres humanos próximos à perfeição. Isso mostra que o debate da utopia, como tantos outros, não está isento de ideologia, que, ao invés de resolver, reforçará as desigualdades humanas e sociais, além de alimentarem a intolerância e o preconceito.

Ainda que o autor tenha grande dedicação ao tema, a maneira como ele o sistematiza não revela diretamente seu posicionamento acerca do pensamento utópico. Na conclusão ele aparece, ainda que um pouco oscilante e de certo modo desanimado quando pondera que o mito e a religião não desaparecem e fala da coexistência confusa de expectativa, superstição e secularidade. Afirma ele: “[...] gostamos mais de ser ludibriados, lisonjeados e entretidos do que ser informados e instruídos”<sup>17</sup>. Entretanto, finaliza reiterando de modo positivo a necessidade de renovar o pensamento utópico com as seguintes palavras: “[...] nosso mundo ideal deve ser nossa própria criação, e teremos de enfrentar uma séria prestação de contas com o destino se não o criarmos”<sup>18</sup>.

Enfim, ressaltamos que a obra provoca muitas reflexões e ideias, além de ser uma excelente contribuição à História do pensamento utópico e diferentes matizes, como promete em seu título: *Utopia: a história de uma ideia*.

## **Bibliografia**

CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Edições Sesc, 2013. 224 p.  
CLAEYS, Gregory (org.). *The Cambridge companion to utopian literature*. Cambridge University Press, 2010.

---

<sup>17</sup> Claeys, 2010, p.209.

<sup>18</sup> Idem, p.213.

CLAEYS, Gregory (org.). "The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell." *The Cambridge companion to utopian literature*. Cambridge University Press, 2010, p. 107-134.

© Copyright Angela María Endlich, 2016

© Copyright *Biblio 3W*, 2016.

Ficha bibliográfica:

ENDLICH, Angela María. Sobre a Utopia. Uma resenha. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de julio de 2016, Vol. XXI, nº 1.165. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1165.pdf>>. [ISSN 1138-9796].